

# SOMNIUM

BOLETIM DO CLFC ANO III - Nº 30 - JUN. 88



R6  
CAUSO 88

SOMNIUM® é o boletim oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas a apreciação da Editoria. Os trabalhos publicados não fazem juz a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados estão creditados a seus respectivos autores; as demais matérias estão sob responsabilidade da Editoria do boletim.

Somnium nº 30 - junho de 1988 - Ano 3

Editor : R. C. Nascimento - Tiragem : 100

## Í N D I C E

Capa : Roberto de Souza Causo

Editorial		1
Sociais		1
Noticiário Nacional		2
Noticiário Internacional		3
Contos		
. This is not America	Fábio Fernandes	4
. Os esporos de Rigel-7	Roberto de Souza Causo	7
. Catálogo de Exposição	Bráulio Tavares	9
Artigos		
. Analisando Contos	José dos Santos Fernandes	11
. Questões Éticas da FC	Miguel Carqueija	12
. Western e FC	Gerson Lodi Ribeiro	12
. O Culto Cultural	Fernando Moretti	13
. Perry Rhodan strykes again	Roberto de Souza Causo	14
Crônicas do André		
. Histórias, duas verdadeiras	André Carneiro	15
Colecionando		
. Editora Vecchi	Caio Luiz Cardoso Sampaio	17
Pockets em Revista	Sérgio Fonseca de Castro	18
. The Integral Trees	José dos Santos Fernandes	18
Sebos		19
Registro de Sistemas Planetários		
. VII-Setor de Exploração (continuação)	Leon Schita	20
Manifesto Antropofágico da Ficção Científica Brasileira	Ivan Carlos Regina	21

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, SP aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob nº 79.416/86.

Sua Diretoria, para o biênio 87/89, está composta pelos sócios R. C. Nascimento [Presidente], Ivan Carlos Regina [Secretário Executivo] e Carlos Roberto Dotal [Tesoureiro].

Compõe ainda a administração o sócio Sérgio Fonseca de Castro [Representante Oficial no Rio de Janeiro].

Toda correspondência para o CLFC e para a Editoria do Somnium deve ser endereçada para  
 Caixa Postal 2209 - Ag. Central  
 01051 São Paulo, SP

A Editoria agradece aos sócios que colaboraram com matérias para este número do boletim, e solicita que novos trabalhos sejam remetidos, lembrando que a data de fechamento da edição, para recebimento de matéria, é 20 (vinte) do mês.



## EDITORIAL

A ficção vem ganhando espaço, continuamente, na preferência de leitores em todo o mundo. É claro que, além do talento daqueles que a produzem, boa parte deste interesse é despertado e mantido por um trabalho permanente de promoção. Com a Ficção Científica, não poderia ser diferente. Mas o que temos, hoje, de prático neste segmento? Certamente muito pouco. Dedicadas ao gênero, apenas três entidades [que se conheça]; três publicações, apenas uma com regularidade mensal [não estamos considerando os fanzines, dedicados inteiramente a HQ, nos quais a FC é parte muito pequena]; um concurso literário, divulgado para um círculo muito pequeno; um único evento público [a Mostra de FC] regional; um anuário e, agora, um prêmio nacional de FC. Ora, se pretendemos ampliar nossa participação na disputa do interesse geral [leitores, editores, criadores, mídia e outros], há que se fazer muito mais. Precisamos criar outras entidades; publicar um número maior de veículos — boletins de clubes, fanzines, anuários, catálogos; promover encontros regionais, nacionais e sul-americanos; levar a FC aos colégios e universidades, através de palestras, seminários, semanas de debates — envolvendo literatura, cinema, vídeo e arte; realizar workshops de criação literária. Um clube como o CLFC pode — e deve coordenar este tipo de iniciativas, mas é necessário que grupos de fãs, sócios ou não, reúnam seus talentos, contatos, habilidades e iniciativa para transformar em realidade tais propostas. Enquanto formos poucos a 'meter a mão na massa', poucas e limitadas serão as realizações. Que tal você imaginar um projeto e vir discutí-lo conosco? Boas idéias são sempre bem-vindas. Um velho sonho pode se transformar em realidade mais facilmente do que você imagina, desde que se saia do planejamento para o 'fazimento'. Saia da casca e traga suas sugestões para uma discussão mais ampla.

## SOCIAIS

## NOVOS SÓCIOS

Estamos recebendo mais cinco novos companheiros, a quem damos nossa melhor acolhida e aos quais solicitamos o melhor de seu empenho em prol do CLFC. Com estas aquisições, chegamos ao meio do ano com o quadro almejado: 125 associados. Isto significa um passo importante para chegarmos ao final do exercício com os 150 sócios desejados.

- 121 Marcio Vaz Ferreira Ramos é engenheiro, e dedica especial interesse a computação [Rua Visconde de Ouro Preto, 165/301 - 01303 São Paulo, SP]
- 122 Oscar Christiano Kern é funcionário público aposentado, muito ligado a histórias em quadrinhos e cinema. Seus autores preferidos são Asimov, Heinlein, Simak, Farmer, Clarke, Silverberg, Bradbury, Van Vogt e Lester del Rey [Rua Santiago, 180 91030 Porto Alegre, RS]
- 123 João Duberney Tavares é eletrotécnico, e muito ligado a leitura e cinema. Foi particularmente fã das séries Jornada nas Estrelas e O Planeta dos Macacos. Os seus autores prediletos são Asimov, Clarke, Bradbury e Scavone [Av. Beira Mar, 851/31 11500 Cubatão, SP]
- 124 Fabio Appolinario é analista de sistemas e curte literatura e cinema em geral, ST [tv, cinema e NG], inteligência artificial, revistas importadas sobre cinema e e feitos especiais [Starlog, por exemplo], filosofia e espiritualismo. Gosta do trabalho de Lem, Asimov, Clarke, Scavone, Heinlein, Tolkien, Silverberg, Alan D. Foster, Michael Ende e Harry Bates [Pça. Mal. Deodoro, 233/112 - 01150 São Paulo, SP]
- 125 Pierluigi Piazzzi é químico industrial, físico e especialista em micro-computação. Autor de vários livros didáticos em física, física médica e micro-computação. Escreveu vários artigos de divulgação científica. Seus principais interesses são ciência em geral, jazz anterior a 1940, ficção científica, inteligência artificial e 'natural'. Sua principal fonte de leitura é a coleção Urania (Mondadori), da qual já leu cerca de 70%. Seus autores prediletos são Clarke, Farmer, Pohl e Heinlein. [Rua Mal. Hastimphilo de Moura, 338/A8B - 05640 São Paulo, SP]

Os dados que acompanham nome e endereço dos novos sócios, têm uma razão de ser: aproximar os que partilham interesses comuns. Que tal você repassar os números anteriores do Somnium, identificar os companheiros com quem você naturalmente se identificaria e propor, quem sabe, a criação de um grupo de interesse?

**ANIVERSÁRIOS**

Maio :	3 José Manuel F. Silva Estrela	Junho :	1 Raul de Oliveira Viana Júnior
	8 Rubenildo Pithon de Barros		8 Kleverson Amorim B. Neves
	11 Álvaro Alípio Lopes Domingues		16 Fábio Yoshio Kashino
	19 Marco Aurélio Lucchetti		Reynaldo Carvalho Marchesini
	Ivo Luiz Heinz		17 Cesar R. T. Silva
	23 Marcio Vaz Ferreira Ramos		23 Wilian Fernando J. Dionisio
	25 Luci A. M. Nascimento		Kleber Calino Vasconcellos
	29 Benedicto Máximo da Conceição		27 Carlos Roberto Dontal
	Sandra Regina Sarquis		28 Cristina Anneliese Carrero
	31 Raul Fiker		30 Maria Helena Zapparolli de Assis

A todos, nossos votos de vida longa e prosperidade.

**NOTICIÁRIO NACIONAL****LANÇAMENTOS**

A Editora Best Seller lançou 'A Usina Nuclear de Papai'[Dad's Nuke], de Marc Laidlaw. Como a própria editora anuncia, trata-se de uma tragicomédia futurista com um nonsense que beira o surrealismo.

A Melhoramentos, por sua vez, nos oferece 'Jogo Terminal', do brasileiro Floro Freitas de Andrade. A publicidade informa ser este um lançamento em que a editora inaugura uma era de maturidade na ficção científica brasileira. Esperamos que se refiram não somente ao autor, mas também à própria editora no que se refere a lançamentos no gênero.

**CONTATOS IMEDIATOS**

Recebemos o número 5 do Repórter HQ, publicação da Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinhos. Chegando às 12 folhas, este noticiário vem ganhando corpo continuamente e atingindo seu público com muita propriedade. Aos interessados, lembramos o endereço : Rua Cuiabá, 833 - 30410 Belo Horizonte, MG.

O Clube do Livro nos enviou Ponto de Encontro nº 17, referente aos meses de abril/maio e que traz um suplemento intitulado Jornal dos Lançamentos; dentre estes, Blade Runner [P.K.Dick], e Os Herdeiros da Terra [G.Eklund e P.Anderson].

Alexandre Ramos [Caixa Postal 145 - 76800 Catalão, GO] nos escreveu solicitando informações sobre revistas, livros e publicações especiais sobre filmagens, naves espaciais, truques e efeitos especiais, como Starlog e Cinemagic, por exemplo. Se você puder ajudar, escreva para o Alexandre.

**EVENTOS**

Em conjunto com o Sesc-Carmo, realizamos a II Mostra de Ficção Científica no período de 16 de maio a 3 de junho. Este ano, além do programa normal do Sesc-Carmo, foram produzidos um convite especial para a abertura, um programa especial para a Mostra, e ainda um poster referente ao evento. A ilustração ficou a cargo de Roberto de Souza Causo e a produção foi do próprio Sesc. Na programação, várias exposições, ciclo de filmes em vídeo, mostras e programas especiais de rádio internos. O evento teve uma cobertura muito boa da mídia em geral.

Como parte do evento anterior, o Anuário Brasileiro de Ficção Científica [Roberto Causo à frente], promoveu a entrega do primeiro Prêmio Nova de Ficção Científica. Este é um prêmio anual, e os vencedores são escolhidos por um júri especial que reúne personalidades ligadas ao gênero, incluídos diversos fãs. Os ganhadores deste primeiro prêmio foram, respectivamente : Melhor Conto - Pela Valorização da Vida [Ivan Carlos Regina], Melhor Lançamento Nacional - O Planeta do Rio, de Philip J. Farmer [Brasiliense], e o Melhor Fanzine Brasileiro de Ficção Científica - Somnium [R.C.Nascimento, editor].

O II Anuário Brasileiro de Ficção Científica será lançado neste segundo semestre. Vale reservar seu exemplar desde já, pois se trata de uma publicação imperdível para o aficionado. Escrever diretamente para o editor, Roberto Causo [Caixa Postal 220 - 13170 Sumaré, SP.

## NOTICIÁRIO INTERNACIONAL

Estão concorrendo ao Hugo '88, nas suas diversas categorias :

**Novel**

The Forge Of God [Greg Bear]  
The Uplift War [David Brin]  
Seventh Son [Orson Scott Card]  
When Gravity Fails [George Alec Effinger]  
The Urth of the New Sun [Gene Wolfe]

**Novella**

Eye for Eye [Orson Scott Card]  
The Forest of Time [Michael Flynn]  
The Blind Geometer [Kim Stanley Robinson]  
Mother Goddess of the World [idem]  
The Secret Sharer [Robert Silverberg]

**Novelette**

Buffalo Gals, Won't You Come Out Tonight  
[Ursula K. LeGuin]  
Dream Baby [Bruce McAllister]  
Rachel in Love [Pat Murphy]  
Flowers of Edo [Bruce Sterling]  
Dinosaurs [Walter Jon Williams]

**Short Story**

Angel [Pat Cadigan]  
The Faithful Companion at Forty  
[Karen Joy Fowler]  
Cassandra's Photographs [Lisa Goldstein]  
Night of the Cooters [Howard Waldrop]  
Why I Left Harry's All-Night Hamburgers  
[Lawrence Watt-Evans]  
Forever Yours, Anna [Kate Wilhelm]

A Universal está inaugurando este mes uma nova atração. Trata-se do Star Trek Adventure, um show de aproximadamente trinta minutos, e que contará com uma série de inovações como, por exemplo, a participação direta dos espectadores. Num teatro para aproximadamente 2000 pessoas, estarão sendo combinados trechos de filmes da série, personagens e trilha sonora originais. Em cada apresentação, cerca de trinta espectadores serão escolhidos para participar, usando uniformes e contracenando com os atores. Cada show será gravado e editado de forma a estar disponível aos interessados pouco depois de seu encerramento.

Junho verá surgir um novo magazine profissional inglês, dedicado a horror, fantasia e ficção científica. Trata-se de Fear, editado por John Gilbert, e que trará trabalhos de ficção, entrevistas, artigos, cinema, tv e vídeo, crítica. Os interessados devem escrever para Denise Roberts [P.O.Box 20, Ludlow, Shropshire SY8 1DB, England].

Andre Norton anuncia a criação de um novo prêmio. Trata-se do Gryphon, a ser concedido exclusivamente a escritoras, e referente ao melhor romance de fantasia, inédito, e escrito por quem tenha publicado pelo menos uma história, mas não mais que duas novelas. Como se vê, são condições muito específicas. O prêmio será de US\$500 e a prova a publicação do trabalho. O primeiro Gryphon Award será anunciado na Noreascon III, a convenção mundial a ser realizada em Boston em setembro do próximo ano. Este prêmio é parte dos planos da autora de criar o Andre Norton Trust, um fundo que beneficiará e apoiará autores. Norton pretende formar este trust com todos os seus bens, propriedades e direitos autorais, e o fundo assegurará recursos para que escritores possam utilizar sua biblioteca para pesquisas, alojamento durante o desenvolvimento dos trabalhos [na casa que hoje lhe pertence] e assim por diante. É um belo projeto.

Ralph Vicinanza, que até pouco tempo respondia pela área de relações com o exterior para a Kirby McCauley Ltd, acaba de instalar seu próprio escritório como agente literário a representação de autores americanos e estrangeiros. Os interessados devem escrever para Ralph Vicinanza Ltd [432 Park Ave. S., Suite 1205, New York NY 10128].

A Bantam está lançando When H.A.R.L.I.E. Was One - Release 2.0, de David Gerrold, uma nova versão do romance que, lançado em 1972, tornou-se desde logo um clássico no gênero com o tema da inteligência artificial. Esta nova versão, totalmente revisada, atualiza o trabalho com o que há de mais recente nesta área de tecnologia da computação.

A Lucasfilm parece ter acertado na mosca, mais uma vez, com seu novo filme Willow. Os comentários são no sentido de que este novo espetáculo tem todas as condições para se tornar num campeão de bilheteria. Com mais de 200 efeitos especiais classificados como fora de série, o filme deve estreiar brevemente.

The British Science Fiction Awards foram anunciados no decorrer da British National Convention - Follycon '88, em Liverpool : Novel - Grainne [Keith Roberts], Short Fiction - Love Sickness [Geoff Ryman], Dramatic Presentation - Star Cops [BBC], Artist .... Jim Burns [pela capa do programa da 1987 WorldCon].. Este prêmio é concedido anualmente, sendo votado pelos membros da BSFS - British Science Fiction Society.



## THIS IS NOT AMERICA

, pensei, ainda meio surpreso com o impacto de me pegar assoviando uma canção que toca va no rádio do apartamento vizinho ao do Sérgio. Eu jamais teria esperado ouvir David Bowie aqui.

Mas faz algum sentido que ele exista aqui. Afinal de contas, o apartamento do Sérgio também existe, com mudanças sutis mas existe. A bem da verdade, a única coisa que eu senti de realmente diferente foi o clima de tensão nas ruas. Sem contar com as duas luas. Não sei se uma coisa tem a ver com a outra, mas o que eu sei é que, como diz a le tra da canção que eu mais adoro, esta não é a América. E este não é o meu mundo.

Eu cheguei hoje de madrugada.

Ainda não sei como. Deve ter sido alguma coisa que eu comi ou bebi ontem, afinal ontem foi um dia significativo pra mim. Todo aniversário tem um certo valor simbólico para a pessoa que o comemora. Então vale, não é? Ou não? Não sei. Depois dessa experiência, já nem sei mais o que é que vale ou que não vale.

Sô sei mesmo que foi depois que eu caí no buraco. Depois que eu saí da Estação Flamengo do Metrô e ia pra casa do Sérgio estudar e estava correndo pra fugir de um temporal des graçado, as luzes da rua todas apagadas, eu corri e escorreguei e caí dentro de um bura co todo cheio de água enlameada e eu bati com a cabeça e fiquei desacordado não sei quanto tempo. Quando eu acordei o céu estava limpo e sem nuvens e a rua estava escura de lâmpadas, mas claríssima porque a luz das luas iluminava tudo e perai meu deus do céu aaaaaai que lua é essa que apareceu aí do lado da outra que lua é essa onde é queu tô ondeê queu tô ondeê queu tô

e aí eu precisei me encostar na parede pra não cair, porque tudo começou a rodar e a cabeça doía que eu pensei que fosse morrer. Estiquei o pescoço, de pura teimosia, e olhei pro fundo do buraco negro. Tive medo. Não consegui ver o fundo.

Pensei que fosse vomitar, tive náuseas, tive medo. Respirei fundo e saí dali andando rá pido, porque não tinha forças pra correr. Eu só queria chegar na casa do Sérgio pra des cobrir que eu só estava sonhando, que era tudo uma brincadeira de mau gosto ...

Pois sô podia ser brincadeira. As ruas eram iguais, não havia diferença, quero dizer, antes havia uma casa ali à esquerda, quero dizer, deve haver ainda, deve continuar ha vendo em algum outro mundo paralelo a este, algum mundo que seja o meu.

E me lembrei que, se esse mundo não era em tudo igual ao outro de onde eu vim, o Sérgio não devia ser o mesmo, quem sabe se ele aqui não existia ou existia e não me conhecia? Eu só sabia de uma coisa: eu tinha a chave do apartamento dele e ia tentar entrar, se o apartamento dele existisse, é claro. Fosse o que Deus quisesse. Se é que o Deus deste mundo é o mesmo do meu.

Corri enlameado pelas ruas sombrias e foi então que eu comecei a entender porque elas eram tão sombrias: a maioria dos prédios era escura, de cores tristes, o que só fazia aumentar a escuridão. E, a cada esquina, um imenso furgão preto estacionado, na late ral um símbolo indecifrável e que eu também não ia parar pra perguntar o que era, apá vorado que eu estava. Ainda mais porque não me pareceu coisa boa. Comecei a aumentar a velocidade dos passos e a correr, correr feito um desesperado pelos dois quarteirões da rua que no meu mundo se chamava Paissandú, mas que aqui eu tinha até medo de ver qual era o nome. Corri todo encharcado e sujo, sujo, detesto sujeira, tomo banho duas vezes por dia, quero dizer, tomava, será que aqui se toma banho? É claro, sua besta, não é tão diferente assim, as pessoas devem ser iguaizinhas, se bem que eu ainda não vi nin guém nas ruas, será que tem alguém vivo na cidade?

Corri até chegar à Rua Senador Vergueiro, ou como ela se chamava na minha terra, e dar de cara com o edifício onde o Sérgio morava, que aliás estava um tanto diferente. O edi fício, não o Sérgio; esse eu esperava que não estivesse nem um pouco mudado. E me reco nhecesse.

A primeira pessoa que eu vi neste mundo foi o porteiro do edifício do Sérgio. "Seu" Ma nuel era o mesmo, só que sem o bigode, um bigodão daqueles à antiga, enrolados nas pon

tas que nem de portugueses, será que portugueses nesta terra usa bigode, aliás será que existe português nesta terra ?

O momento do impasse : ele me olhou assim, encharcado e sujo como eu estava, e me disse, com um tom de voz arrastado e lento tão diferente do tom que ele, quero dizer, seu outro ele, usava, que o morador do 1204 não estava. Mas não deu mostras de não me reconhecer.

Mas e se eu já estivesse ali ? Quero dizer, naturalmente, meu correspondente neste mundo. Meio difícil, pois "seu" Manuel não se espantou com a minha chegada, se bem que com a minha aparência a reação foi outra. Ele olhou muito pro meu rosto, mas acho que não foi pela sujeira; acho que ele estava estranhando a barba de dois meses que eu trazia no rosto. Meu correspondente aqui não devia estar usando barba. Natural, o que é que ele queria : também não estava sem bigode ?

Certo, só que não era ele que tinha caído num buraco de metrô e entrado em outro universo. Nessas horas é preciso a gente ter sangue frio pra se colocar na pele do outro. Mesmo que ele nem pense em se colocar na sua.

Eu disse que tinha a chave e ele me deixou subir, mas senti uma certa relutância nele. Olhava a todo instante pra porta do edifício, e no começo eu pensei que fosse porque eu estava molhado e não havia chuva e ele estivesse estranhando, mas depois eu enchi o saco e virei e vi um furgão preto com aquele símbolo indefinível porém indefectível. Pensei em perguntar o que era aquilo, mas achei que ia fazer papel de bobo, além de dar bandeira, e isso é coisa que eu não consigo suportar. Nem depois de três anos de análise. Será que aqui tem análise ?

E aí eu tomei o elevador pro último andar, pingando lama pelos doze andares. Ainda bem que o chão do elevador é um só. Saí dele, não constatei nada de diferente além da iluminação mais fraca e minto, tem também uma porta que no edifício do meu mundo tinha outra cor e aqui era escura como as outras, aí meu Deus eu não aguento mais, será que vou ter que passar o resto da minha vida falando do meu mundo e do mundo dos outros ? E logo um mundo tão negro e sombrio, tão triste e sem personalidade, tão tão que eu vou ficar tanta, eu já não aguento mais tudo isso, merda !

Minha respiração ficou pesada e fiquei com medo de desmaiar. Este mundo não é bom. Não vou gostar de viver nele.

Meti a mão no bolso e tirei a chave. Que entrou com facilidade no buraco da fechadura. Só não consegui respirar aliviado porque o coração ainda ameaçava sair pela boca. Acendi as luzes e levei um susto. A decoração, que eu conhecia alegre e com um razoável colorido, era agora escura e sóbria. As estantes de livros, onde eu cansei de procurar clássicos da ficção científica para aprimorar meu conhecimento, agora só tinha em suas prateleiras estranhos volumes de capa dura. Nenhum autor que eu conhecesse. Nenhum.

Me senti desconfortável ali, a roupa molhada pingando lama, encarando fragmentos de um mundo que eu não conhecia. Nunca me senti tão perdido em toda a minha vida.

Comecei a me sacudir em convulsões e chorei, gemendo, trincando os dentes pra ninguém me ouvir gritar de dor. Eu sentia um frio fora do comum, um frio transcendental, um homem nu, sozinho no vácuo do espaço.

E de repente eu ouvi um sonzinho de rádio. Uma música, uma canção que me era familiar, muito familiar, eu só precisava apurar um pouquinho mais o ouvido para saber ao certo o que que era, e de repente eu descobri :

This is not America

Ooooooooooh,

This is not a miracle...

Eu estava ouvindo uma canção do David Bowie.

Caí de joelhos no meio da sala. Eu já não estava tão sozinho assim neste mundo.

O alívio foi tão grande que eu comecei a ter esperanças e pensar que se não pudesse voltar ainda podia pedir a ajuda deste Sérgio e quem sabe até de mim mesmo e talvez

ouvir um som ecoando no corredor. Um som vindo do poço do elevador, um som que não parecia de vozes mas que também não parecia de máquinas. Eu tinha esquecido a porta aberta.

Porteiro filho-da-puta ! Não esperei pra ver se era impressão minha. Os carros pretos não eram. Num mundo sombrio como este, o regime vigente devia ser bastante autoritário, e a cara de desconfiado que o porteiro fez quando eu entrei no elevador dava o que pensar.

Fechei em silêncio a porta e olhei o corredor. O elevador estava no décimo andar. Ainda havia tempo de alcançar as escadas.

Comecei a sentir frio, mas agora era real. As minhas meias estavam ensopadas e incomodavam a pele dos pés. Não foi fácil descer os degraus nessas condições na ponta dos pés.

Do nono andar deu pra ouvir o elevador chegar ao décimo-segundo. Do oitavo ainda ouvi os passos firmes e fortes de mais de uma pessoa. Estava claro que eles pisavam forte as sím sô pra intimidar a vítima. No meu caso, conseguiram.

A cada andar parei um pouco, olhei pros lados sob a luz fraquíssima dos corredores. Nun ca ninguêm. Fora o porteiro, eu ainda não tinha visto ninguém. E provavelmente não ve ria mais.

Afastei o pensamento com um arrepio e continuei a descer, sempre de ouvido ligado nos sons lá de cima. Terceiro, segundo, primeiro, térreo. Só havia uma entrada no edifício. Uma entrada e a garagem. Desci mais um lance de escadas e cheguei no subsolo. Olhei por entre os carros pretos, todos pretos na escuridão. Ninguém.

Mamãe me ensinou a nunca andar entre dois carros, que era perigoso. Segui o conselho à risca. Colei minhas costas rente à parede mergulhada na sombra e comecei a pensar nela sem querer. Minha mãe existiria neste mundo ?

E eu ?

Eu estava tentando fugir, fugir do buraco negro em que eu tinha caído, fugir do medo de ser apanhado ou ficar louco porque ainda não dava pra acreditar, tão poucas opções e eu não conseguia ver outra, por que eu ? Por que eu, que ainda nem tinha parado pra pensar por quê ?

Nem poderia parar. A única opção que eu tinha era fugir, fugir do buraco negro em que eu

havia sido tão idiota que nem reparei na única saída possível. O próprio buraco !

A lembrança da possibilidade e a curta distância me deram o estímulo que eu precisava. Me esgueirei até o portão da garagem, de onde continuei a não ver ninguém. Ninguém, nem nas ruas nem nos portões dos edifícios. Nem um só carro passou onde tantos passavam no meu mundo.

Mas aqui não é o meu mundo.

Aqui, a única coisa que havia na rua era o onipresente e eterno furgão preto, óbvio, em frente à portaria do edifício, uns vinte metros à esquerda. De costas para a garagem.

Meti lentamente a mão pela grade do portão e experimentei o trinco. Abriu. Lenta e um tanto quanto ruidosamente, mas abriu. Ninguém tinha ouvido. Ou pelo menos eu havia acha do que não.

Porque saí devagar, sem correr que era pior, aí eles me percebiam e me pegavam mais rã pido, mais rã pido ? quem é que disse que eles vão me pegar mais rã pido ou mais devagar bate na madeira e pernas pra que te quero sebo nas canelas três vezes tesconjuro pé de pato e pára de pensar besteira homem de deus e corre diabo corre que daqui a pouco eles te percebem e

E não sei o que foi que eu fiz ou deixei de ter feito mas dali a pouquinho senti passos na rua e senti que só podiam estar vindo na minha direção, lógico, se nunca havia nin guêm na rua, as únicas pessoas só podiam ser aqueles caras do furgão preto e só podiam estar atrás de mim graças àquele filho-da-puta do "seu" Manuel que sempre foi tão bom no meu mundo e aqui, e aqui eu tinha que limpar o suor do rosto e não fazer nenhum mo vimento brusco pra não dar na vista sabe lá eles estão armados e me fuzilam aqui mesmo ou meu deus do céu agora eu sei pra que furgão tão grande vozinha é pra me matar me lhor que nem aqueles filmes de segunda guerra e campos de concentração será que aqui os nazistas ganharam a guerra será ?

Aí meu deus que bom que bom virei a rua mas os passos ficaram lá atrás e não tem nenhum



furgão preto aqui, gozado só agora é que eu notei que essa rua aqui é sem saída mas não interessa porque o buraco continua no mesmo lugar e é só ele que interessa e eu vou pular e se deus quiser se este deus daqui também quiser eu vou pular e voltar à minha terra que é cheia de defeito e coisa ruim mas pelo menos eu sei contra o que é que eu tô lutando e vivaaaaaaa

eu só sei que fiquei desacordado algum tempo e acordei agora quase neste instante onde eu pensei quase tudo o que me aconteceu, gozado como tua vida inteira passa diante dos teus olhos quando você está apavorado, não é? Porque daqui de dentro do buraco eu posso ver direitinho as duas luas. Não vou saber jamais porque tinha que ser eu e porque isso tinha que acontecer, mas aconteceu e não tem mais volta. Agora os homens sabem que eu estou aqui e é apenas uma questão de tempo até que eles venham aqui me buscar. E eles virão. Eu sei que virão.

Fábio Fernandes

## OS ESPOROS DE RIGEL-7

Roberto de Souza Causo

Antes que eu embarcasse com destino a Rigel-7, a fim de avaliar as vantagens econômicas da colonização desse planeta, achegou-se a mim um amigo que passara uma temporada lá, como ecologista.

"Seja cuidadoso", disse-me ele. "O planeta tem suas próprias normas contra a poluição". Gracejei dizendo que tomaria todas as precauções para não sujar seu querido planeta.

"Não foi por isso que lhe pedi para tomar cuidado", respondeu. Na hora não entendi e perguntei-lhe o que queria dizer. "Você vai acabar descobrindo", ele disse, num leve tom jocoso, reforçado por um sorriso enigmático.

Ri um bocado, achando que ele estava querendo jogar sobre mim a imagem do colonizador experiente que inicia o novato nos mistérios de novos mundos. Não lhe dei o braço a torcer. Não existem mais segredos na era da cultura espacial, lembro-me de ter pensado. É o que era Rigel-7, além de uma província longínqua, com um contato mínimo com a metrópole?

O propósito da viagem era analisar as possibilidades de aumentar esse contato recíproco. Eu trabalho para a Quasar Empreendimentos e somos uma empresa progressista, que acredita na exploração espacial e na popularização dos lucros que surgirem dela.

Bem, quando aportei em Rigel-7 assustei-me com o provincianismo dos habitantes do primeiro núcleo habitacional em que pisei. Parecia uma daquelas lendárias cidadezinhas que são relatadas pela Idade Média da Terra, lá pelo século XX.

De início notei que o contato do planeta com a Metrópole deveria ter sido tão pequeno e o fluxo de suprimentos regulares tão incerto ao ponto das pessoas terem perdido o hábito de fumar. Será que o tabaco não cresce bem aqui?, cheguei a pensar.

Saquei meu maço de Light-Year 100 milímetros **flip-top** e acendi um, deleitando-me ao imaginar a reação deles. Mas para minha surpresa, foi tudo muito estranho. Alguns assustaram-se visivelmente, outros simplesmente saíram andando com pressa e muitos limitaram-se a esboçar sorrisos enigmáticos.

Lembrei-me do meu amigo ecologista e pela primeira vez senti que seria mais difícil do que eu suponha, estabelecer um bom entendimento com os colonos.

As coisas se complicaram quando fui procurar uma moradia. Empurraram-me uma cabana velha, situada oito quilômetros fora da cidade. Imaginei que quisessem me testar, isolando-me no meio do mato, num planeta que me era desconhecido.

Mas eu não iria dar esse gostinho aos caipiras, ah, não. Aceitei o casebre e fui a ele, disposto a mostrar que um indivíduo sofisticado e cosmopolita pode se dar tão bem ou melhor que eles.

A cabana era deprimente, mas a paisagem era bonita e eu anotei que poderia atrair turistas europeus. O lugar parecia muito com os campos e bosques temperados da Terra e todo mundo sabe que os turistas procuram em outros planetas aquilo que já não podem encontrar

em seu mundo de origem.

Meu intento era passar algum tempo por ali, enquanto a Quasar não providenciava o transporte para outros centros do planeta.

Eu estava na varanda do casebre, fumando tranquilamente, a pensar sobre o futuro que Rigel-7 poderia ter se formássemos uma linha de transporte espacial permanente, quando aconteceu o primeiro fato inusitado.

Era um fim de tarde, fresco e luminoso, muito relaxante. Cochilei um pouco e quando dei por mim, havia uma pequena nuvem de esporos à minha frente. Uma dessas coisas que os fungos soltam no ar para se reproduzirem. Não sou entendido no assunto, mas já fiz uma campanha publicitária para um fungicida e sei como é.

Os tais esporos até que eram bonitos, refletindo os raios do sol poente, à maneira de um prisma. Foram se aproximando lentamente e penetraram na fumaça que eu expelia.

Qual não foi a minha surpresa ao ver que eles explodiam, com ruídos tímidos, semelhantes a pequenos fogos de festejos, ao entrarem em contato com a fumaça ! Explodiam com um estalo e uma faísca minúscula e não deixavam nenhum vestígio de seu estado anterior.

Fiquei encantado e concluí que seria uma grande atração para os turistas.

No dia seguinte fui à cidade, observar o que os moradores tinham em matéria de entretenimento (não era grande coisa) e quando voltei estava ansioso para repetir a experiência com os esporos explosivos.

Acendi um cigarro e soprei em abundância a fumaça à minha volta. Logo surgiu uma enorme nuvem de partículas fungiformes (acho que é assim que se chamam), vinda dos bosques. Quando atingiram a fumaça começaram seu processo de detonação. Era um matraquear fantástico e o piscar dos fogos era impressionante mesmo para um espírito vivido como eu.

De repente, uma nuvem menor de esporos atingiu a brasa do meu cigarro, detonando ininterruptamente. A princípio achei engraçada a nova característica do fenômeno. Porém, quando senti uma fisgada dolorida no rosto, a graça acabou. Deixei cair o cigarro (todo retalhado pelas explosões) e corri para o espelho do banheiro. Vi meu rosto assustado e marcado por uma mancha vermelha de onde uma gota de sangue lutava para escorrer.

Aquelas coisas eram perigosas !

E entravam casa adentro, vindo diretamente em minha direção. Fiquei paralisado por instantes, mas logo fugi para fora e, tirando um cigarro do maço, atirei-o no chão para vê-lo ser atacado pelos esporos, mesmo estando apagado. E as partículas continuaram a avançar sobre mim.

Comecei a correr e a arrancar outros cigarros do maço, tentando jogá-los o mais longe possível. Quando isso acontecia, parte dos esporos se destacava da nuvem e lançava-se sobre o cigarro, enquanto o grosso deles continuava a me perseguir. Eu não conseguia despistá-los !

Se eu fosse um cientista poderia dizer que algo na estrutura molecular do fumo atraía magneticamente aquelas partículas, mas como não sou, limito-me a comentar que era muito esquisita a forma como elas me perseguiram implacavelmente.

Corri como um desesperado pelos campos, em direção à cidade. Os cigarros haviam acabado e os esporos atacaram até mesmo o maço vazio. O número deles não parecia ter diminuído e eu já não sabia o que fazer. Não sou, reconheço, um grande atleta e vocês podem imaginar o que foi para mim correr aqueles oito quilômetros até a cidade.

Ao atingir a área edificada, ocorreu-me que os esporos deveriam estar atrás do meu hálito ! Afinal, havia bastante cheiro de fumo neles para continuar atraindo os miseráveis.

Vocês podem achar cômica ou mesmo ridícula a minha figura sempre correndo, a comprar dois tipos de dentifrício, uma escova de dentes, três marcas diferentes de spray anti-séptico, garantidos para tornar o hálito limpo e agradável, além de um pacote de dropes e balas de sabores mentolados. Vocês podem achar tudo isso engraçado realmente, mas foi desesperador, isso sim !

Tentem colocar-se no meu lugar, correndo como um louco pelas ruas da cidade, há muito sem fôlego, mas tendo que escovar os dentes e chupar um pacote inteiro de dropes. E ainda assim sendo perseguido pelos esporos desgraçados !

Parei numa rua sem saída, com as costas literalmente contra a parede, à espera do ata que final.

A nuvem foi se aproximando, parecendo ainda maior que quando saída dos bosques.

Eu já estava começando as minhas derradeiras orações quando notei que os esporos estavam se dispersando. O vento os estava tocando lentamente em todas as direções, como deve ser com partículas fungiformes normais.

Parti de Rigel-7 no dia seguinte.

Se pensam que foi por medo dos esporos, estão enganados. O motivo verdadeiro tem a ver com a reação dos moradores da cidade diante da minha situação. Todos, sem exceção, caíram na gargalhada, rindo como um bando de malucos saídos de um sanatório. E eles sabiam o que poderia acontecer e não me preveniram.

Pessoas que são capazes de rir de alguém passando por um apuro tão constrangedor não me recem a minha atenção, nem da Quasar Empreendimentos.

Rigel-7, nunca mais.

## CATÁLOGO DE EXPOSIÇÃO

*Braulio Tavares*

Um quadro grande em forma de elipse, com dois kinovisores em estereo, um em cada foco. Uma tapeçaria ardendo em fogo lento. Um totem de cubos irregulares que gira. Uma cabeça mecânica que move a boca e as pálpebras sem emitir sons.

Um longo túnel de plástico transparente onde as pessoas rastejam, ondulando através de um tanque onde nadam tubarões. Um quarto escuro com holo-labirintos. Uma porta que se abre para uma sala mais ampla; as pessoas voltam a se agrupar, ajeitando as roupas e os cabelos, umas sorridentes, outras assustadas. Na outra extremidade da sala um homem preto, de terno, com os olhos e a boca pintados de branco, cantando uma canção. Todos cantam junto, e aplaudem no final; o homem se retira.

Um pedestal de pedra com um cubo transparente de dois metros de aresta, tendo no interior o riocorrente de um moto-contínuo hidro-magnético. Uma sala de ultra-sons. Uma sala com chão de terra, uma sequoia milenar ao centro, recoberta de líquens, lianas, cipós, dejetos de pássaros. Um guarda-chuva aberto e gotejante no canto da parede. Uma mesa de dissecação, vazia. Uma estátua grega de cabeça para baixo, um homem a copiá-la num bloco de sal-gema.

Uma sala com painéis enormes cobertos por uma única e interminável palavra, em caligra fia microscópica. Uma redoma com hélices aleatórias e turbilhões de pó colorido. Uma parede coberta por um afresco que mostra a estrutura de um polímero.

Uma sala escura, cercada por um tubo circular transparente, com sessenta e quatro esfe ras cheias de água, onde andróides nus enumeram as sessenta e quatro posições do I Ching. Um planetário de bolhas de sabão. Uma sequência de fotos da sombra do arco-íris. Uma sala onde as pessoas são convidadas a esperar alguns minutos.

Esperam, e depois entram. Uma parede toda datilografada, seis macacos sentados em cadei ras. Uma nota falsa, uma nota verdadeira. As pessoas as recolhem e as passam de mão em mão. Um quadro falso, um quadro verdadeiro. O guia os indica. Eles apontam, comentam entre si.

Na sala seguinte, que é imensa, mora uma família : pai, mãe, um dos avós, um casal de filhos. Em redor deles as réplicas dos quartos, sala, cozinha, banheiro, jardim, quin tal. Estão na hora da refeição. Agem como se não vissem nada. Sô as crianças se encami nham até os visitantes, trocam cumprimentos, recebem donativos.

Uma outra sala, uma parede de palácio com uma varanda, um balcão bojudo, tudo em esca la ampliada. Debruçado no balcão o esqueleto de um T-Rex-Terráqueo, autêntico. Outro no jardim, mais abaixo. Nos galhos de uma árvore, dois pássaros empalhados : um rouxinol, uma cotovia.

Um jogo videoquântico mostrando a ampulheta do Cosmos. Um pião-cebola eletrônico. Por



trás de uma parede de vidro, uma reprodução da Última Ceia com fumaça a cores.

Uma sala com mostruários abertos, onde se pode ver e manusear serrotes, garruchas, colares, chaves inglesas, cintos de castidade, sacarrochas, tesouras, anéis, pulseiras, algemas, grilhetas, ostensórios, rodas de esmagamento, bola-e-corrente.

Uma sala só de quadros : Kandinsky, Hundertwasser, Max Ernst, Juan Miró, Paul Klee, James Ensor, De Chirico, Marc Chagall, Escher, Steinberg, Alex Raymond, Virgil Finlay, Hannes Bok, Alejandro, Marcelo Grassman, Fdasilva, J. Borges, Wolffli.

Um funcionário entra na sala, dirige-se em voz baixa ao guia, este ergue a voz pedindo silêncio a todos, comunica que chegou a hora. Terão dez minutos, nem um a mais. Os que quiserem sair antes poderão voltar pelo mesmo caminho.

Descem em elevadores; cruzam vários corredores pressurizados, com luzes fluorescentes, salas envidraçadas onde homens trabalham diante de mostradores. Chegam a uma porta, entram numa antecâmara, amontoam-se; depois que entram todos, a porta de fora se fecha, a de dentro se abre.

Estão num terraço, sob uma redoma transparente, no interior do que parece uma enorme caverna. O chão é de cimento. Uma área com dez quilômetros de raio, e eles estão a trezentos metros de altura.

Eles não a vêem logo : vêem primeiro os anéis metálicos dos tubos de alimentação com dois metros de diâmetro, coleando. Então vêem a maciça criatura que se eleva à sua frente, como um aglomerado de montanhas.

O guia refere as dimensões, o peso, e diz que a Besta foi construída em 6022, pelo Laboratório de Engenharia da Missão Hieronymus, do sistema de Rigel.

As pessoas olham. Corre uma lágrima no rosto de uma delas; de duas, agora.

O guia explica que a Besta ficará neste Museu até 6027, quando deverá ficar pronta a nave que a transportará para a Terra, a tempo de alcançar a Exposição de Arte Genética de 6030.

As pessoas continuam olhando, e não há duas delas que estejam vendo a mesma coisa. Seus olhos recebem um fervilhar incessante de formas, e suas peles pressentem, mesmo àquela distância, o calor vivo daquele imenso corpo. A Besta é um vasto hemisfério de massa orgânica esparramada sobre o chão; um ser de mil cabeças ou mil braços ou mil tentáculos, prolongamentos de carne viva que se estendem para o alto, ou ao longo do piso, e então se alargam, se alteram, ganham volume e corpo, viram pessoas completas que se multiplicam como bonecos recortados em papel; a película que recobre tudo aquilo se recombinam e imita formas, texturas, cores, imita tecido, couro, pedra, papel, cabelo, plástico, madeira, metal, terra, osso, folha, nuvem; e cada um desses tentáculos acaba recompondo um painel de formas ligadas por tênues filetes orgânicos, grupos de pessoas que fazem evoluções, fazem coreografias, executam façanhas sincronizadas; misturam-se todas, aos milhares, reproduzem poses, recordam marcações, montam fatos e histórias, encenam quadros vivos, monumentais, em cenários feitos da mesma massa quente e pulsante, e maiores que uma cidade.

O guia avisa que falta um minuto. A maior parte das pessoas já se retirou. Continua a atividade cega e resignada daquele corpo do tamanho de um asteroide. A criatura (partes dela) já se deu conta de que o posto de observação está ocupado, e vem estendendo até lá um vagaroso pseudópodo, que se aproxima como uma língua em forma de mão estendida, trazendo na palma do tamanho de um aeroporto uma rocha que se fende e deixa sair uma espaçonave gótica, que se desfaz e se transforma num leque de papel-de-seda abrindo-se e revelando a pintura de um mapa do continente de Illuyanka, suas cordilheiras, suas crateras extintas e nevadas, sua capital, seus cento e dez milhões de pessoas, uma avenida estreita com casas muito altas de ambos os lados, multidões andrajosas e coloridas que surgem do nada e se fundem em outras multidões, até que : uma rua torta : um beco : latas de lixo : uma passagem no muro : um quintal baldio coberto de detritos : outro muro lá no fundo : uma derradeira parede de tijolos onde está pichado em letras manuscritas com spray negro : the beast is back.

## ANALISANDO CONTOS

*José dos Santos Fernandes*

Este primeiro artigo de crítica aos contos publicados no *Somnium* abre o que eu pretendo que se torne uma seção mais ou menos fixa do fanzine. Esta seção tem como objetivo apontar, sob a ótica de um leitor mais atento, os pontos fortes e fracos de cada conto, ajudando assim seus autores a evoluírem sua técnica de narração e aprimorarem suas idéias.

Não é raro que colegas escritores do CLFC me peçam para analisar seus trabalhos e eu achei que seria válido ampliar esta participação para o nosso fanzine. Claro está que todas estas críticas, como qualquer outra crítica, são o reflexo de uma opinião totalmente pessoal e, como tal, são também passíveis de ser criticadas, o que eu espero que venha a acontecer, não só por parte dos autores dos contos como também dos leitores do *Somnium*.

**A Derradeira Publicidade do Hebefrênico Alfredo**

**Ivan Carlos Regina / *Somnium* nº 25**

O conto é uma sátira de humor negro à dita sociedade de consumo e aos órgãos de publicidade e marketing. A narrativa tem um tom irônico e várias "gozações" muito bem sacadas em cima de uma série de velhos clichês publicitários. Embora os artifícios de FC empregados pelo autor não sejam muito originais (a idéia do "cidadão padrão" já surgiu em um conto antigo de Asimov, em que um único eleitor médio votava para eleger o presidente dos Estados Unidos, e a "superposição de personalidades" tem papel destacado nos livros de James White da série iniciada com *Hospital Station*) o conto é bem desenvolvido, com ótimo ritmo e agrada o leitor. É uma pena que os contos satíricos do Ivan, dos quais conhecemos alguns, não apareçam com mais frequência no *Somnium*.

**Um Dilúvio de Papel**

**Fritz Peter Bendinelli / *Somnium* nº 25**

Coincidentemente, no mesmo número, tivemos dois contos satíricos. O do colega Fritz satiriza a burocracia e o papelório dela decorrente. Ele também consegue interessar o leitor, embora com um ritmo menos frenético que o de "A Derradeira Publicidade do Hebefrênico Alfredo", mas que não compromete a sua qualidade. Diferentemente do estilo do anterior, mais para o humor negro, o conto segue uma narrativa do tipo non-sense, culminando com uma descrição de fim-do-mundo bem ao gosto do nosso amigo Fritz : uma final e (por que não ?) burocrática piada divina.

**Há Noite**

**Gilberto Schoereder / *Somnium* nº 26**

Trata-se de um conto por demais longo e hermético, embora a narrativa, em sua parte descritiva, seja bem estruturada. Nota-se uma influência muito grande dos delírios psicodélicos de Philip K. Dick e dos experimentalismos de Samuel R. Delany, característicos do antigo movimento da "New Wave" (saudosos memórias...). O autor, a meu ver, exagerou no uso desta forma de narração, o que comprometeu a mensagem que ele deve ter tentado transmitir. Aliás, após ler o conto algumas vezes, eu continuei sem saber qual era, na verdade, esta mensagem e a impressão que me ficou foi mais de um caso de jargonafasia do que realmente de uma história de FC.

**Diversões**

**Norton Coll / *Somnium* nº 26**

O conto descreve uma distopia do século XXV onde, por efeito do sedentarismo e da poluição, os seres humanos tiveram os sentidos e sua faculdade de locomoção atrofiados. O início do conto compromete o ritmo da narrativa pois o autor comete, a meu ver, um erro muito comum que é o do excesso de descrições e explicações. Em quatro parágrafos temos nada menos que cinco definições e explicações, o que torna a história um pouco cansativa e faz com que ela demore a "decolar". Há também um erro importante de verossimilhança quando o personagem principal descreve o "Labirinto" e diz que as pessoas saíam por ele, "tropeçando e rolando, procurando achar a saída". Como as pessoas poderiam tropeçar e rolar se não usam as pernas e se deslocam, segundo descrição anterior, em "Andarilhos Mecânicos" providos de lagartas ? Sugiro ao Norton tomar mais cuidado com o fator

"continuidade" em seus próximos trabalhos. O final também é algo previsível em seu tom pessimista e no apelo anti-mecanicista.

## QUESTÕES ÉTICAS DA FC

*Miguel Carqueija*

Lendo o nº 25 do "Somnium", acabei discordando de uma colocação dos colegas Sérgio Fonseca de Castro e José dos Santos Fernandes, no comentário ao livro "Cascade Point", de Timothy Zahn. Ao falarem sobre o conto "The final report", assim se expressam: "... é uma tentativa do autor de lidar com o controvertido tema do aborto." Além de terem repetido a palavra "conto" três vezes na mesma frase (em carta que publiquei no mesmo número aponto esse tipo de vício redacional) eles se saem com essa: "Talvez Zahn devesse evitar temas delicados como este, no futuro."

E aqui eu me permito uma pergunta patética: - E por que? Por que, senhores, esse autor deve evitar certos temas? Semelhante tirada sabe muito a patrulhamento. Quero lembrar que a ciência da Embriologia acumulou, nessas últimas décadas, avalanches de conhecimentos sobre a vida humana intra-uterina. Outro ramo da Medicina que vem se aperfeiçoando muito é a Cirurgia Fetal (também já se fazem transfusões no nascituro). Eu geralmente chamo o aborto provocado de feticídio, pois sem dúvida é um ser humano inocente que esse ato ceifa. Os abortamentos são, sem a menor dúvida, ações anti-éticas.

Ora bem: é um fato pouco comentado, mas facilmente constatável, que a Ficção Científica do século XX assumiu a feição de baluarte da Ética, de farol da consciência moral da Humanidade, enfim, de plataforma para denúncias gravíssimas e importantes questionamentos éticos. No século XIX a FC era basicamente didática, aventureira e gótica. Hoje a realidade é outra. Se abdicasse destas novas responsabilidades, perderia a FC hodierna grande parte da sua credibilidade.

E. Zamiátin, em "Nous autres" ("A muralha verde") apontou a infâmia de uma sociedade que destrói o indivíduo, reduzindo-o à condição de número; por causa disso teve que deixar a Rússia. George Orwell, ao que se diz, influenciado por Zamiátin, em "1984" - livro terrível - vai fundo na questão da destruição da liberdade pelo Estado todo-poderoso. Aldous Huxley, escrevendo na década de 1920, alertou o mundo para o perigo da manipulação genética. Hoje, como não considerar presciente seu "Admirável mundo novo"? Mais tarde, nos anos 40, brindou-nos Huxley com o tenebroso romance "O macaco e a essência", desta vez focalizando o perigo atômico e bacteriológico.

Os limites éticos da Medicina, da Ciência em geral, da Política e, enfim, das ações humanas, são assunto constante na grande FC do século XX. Se assim não fosse, não teríamos obras do porte de "Os mercadores do espaço", de Pohl e Kornbluth, em que os poderes do consumismo chegam a incrível exacerbação; e "O cérebro de Donovan", de Curt Siodmak, já em 1944 avisando os riscos éticos dos transplantes.

Em conclusão, digo que a FC não pode de fato fugir à sua responsabilidade moral. Aborto, pelo dano que causa ao aparelho reprodutor da mulher, leva a futuros nascimentos deficientes, como já ficou constatado. A herança genética da humanidade encontra-se gravemente golpeada por uma série de fatores: abortamentos, tóxicos, desnutrição, poluição atmosférica e alimentar, radioatividade, doenças iatrogênicas. Creio que a epidemia da AIDS é sinal evidente de degeneração da raça humana. Algo que antigamente só acontecia nos romances fantacientíficos, agora está diante de nós. Se considerarmos tabu qualquer um desses temas estaremos nos alienando.

## WESTERN E FC

*Gerson Lodi Ribeiro*

Apesar de serem considerados gêneros literários distintos, não raro encontramos elementos intrínsecos aos western na FC. Muitas histórias FC costumam simplesmente transpor o cenário de faroeste para um ambiente ou planeta quase inexplorado num futuro mais ou menos remoto. Os duelos e as prolongadas expedições a cavalo (ou similar tecnológico)



por planícies áridas sob sóis e céus estranhos já se tornaram lugar comum nesses "Westerns FC". Alguns dos leitores talvez imaginem haver exagero nas afirmações acima. A fim de convencê-los, basta lembrar algumas poucas obras ou passagens específicas.

Em "Outland, Comando Titânio", um verdadeiro faroeste da era espacial, o enredo clássico de "High Noon" ("Matar ou Morrer") é expresso sob a forma de FC: o sheriff aguarda do numa cidadezinha - no caso, uma estação processadora de minérios instalada num satélite galileano - a chegada de exímios gunfighters que irão tentar matá-lo. Como no original, o protagonista deverá enfrentar seus algozes sozinho, uma vez que não poderá contar com o auxílio da população local. De Michael Crichton, temos "Westworld" (Que, apesar do que temos lido em algumas traduções sofríveis, não significa "Mundo Ocidental"), uma espécie de Disneyworld futurista, na qual uma das grandes atrações é viver durante alguns dias num pseudo-lugarejo do Velho Oeste a caráter. Nesse local, os humanos sempre conseguem bater robots pistoleiros e cowboys em duelos armados. Tudo parece ir bem, até que o sistema se desarranja e um gunfighter-robot trajado em negro (bem interpretado por Yul Brynner, aliás) faz várias vítimas.

Ainda sobre filmes FC, embora muitos deles não possam ser caracterizados como westerns FC, contêm elementos de western em seus enredos. Este foi o caso do fraco "Mercenários das Galáxias", onde um herói-canastrão, bisonhamente denominado "Cowboy da Terra", felizmente se estrepa no final. O mesmo ocorre no badaladíssimo "Star Wars", onde nos deparamos com um típico confronto de salloon, no qual o velho cavaleiro Jedi Obi-wan Kenobi salva a vida de um então inexperiente Skywalker durante um conflito contra arruaceiros alienígenas e humanos.

Na literatura FC também aparecem inúmeros exemplos do agitado casamento entre esses dois gêneros. Bob Shaw, no conto "O Duelo", coloca o embate entre dois gunfighters galacticamente famosos num planeta cuja tecnologia sofisticada foi utilizada para evitar a ocorrência de crimes advindos do uso indevido de armas de fogo. Jerome Bixby, um autor que parece se sentir mais à vontade em westerns do que na FC, escreveu "The Draw", uma história realmente ambientada no Velho Oeste, na qual um delinquente juvenil fanfarrão se torna o gatilho mais mortífero a oeste do Mississipi, graças a seus dons telecinéticos que lhe permitiam sacar sua arma em milésimos de segundos.

Em "Amor sem Limites", Robert Heinlein, nos capítulos correspondentes à "História da Filha Adotiva", conta-nos um misto de western FC e história de amor pragmática, ambientado em "Novas Origens", planeta terrestre aberto à colonização humana. Nesta história enxuta e bem estruturada, Lazarus Long, humano de extrema longevidade e alter ego do autor, e sua enteada-companheira "vida-curta", a meiga e resoluta "Dorável" Dora, estabelecem-se como primeiros colonos numa região então desabitada, sendo obrigados a enfrentar as ameaças representadas pela fauna autóctone e por alguns de seus poucos amistosos semelhantes. A sequência do confronto na sala de jantar, culminando em tiroteio, é simplesmente antológica; aqueles que conhecem a obra em questão provavelmente concordarão comigo.

Após esta breve resenha, espero que os leitores se tenham lembrado de vários outros exemplos desta sub-especialidade da FC. Será salutar e interessante ler e/ou ouvir o que vocês teriam a colocar ou acrescentar sobre o assunto.

## O CULTO CULTURAL

Fernando Moretti

O problema é o seguinte: Como foi que surgiu a indústria cultural no mundo? É uma boa pergunta, não é? Pois ninguém sabe responder; e sabem porque? Porque a cultura só foi notada quando ela começou a atrapalhar certos interesses não humanitários. Antes, ela fluía normal e espontaneamente. Mas, se for necessário provar, teremos que nos reportar ao "longínquo" tempo das cavernas e descobrir alguma coisa.

Acompanhemos pela TV do Tempo, CANAL-08, o homem primitivo inventando o fogo. Em seguida vemos o seu primo "civilizado" usando-o para consumir cultura "literalmente" através desse poderoso invento. E assim temos bibliotecas (Alexandria); sábios (Idade Média); livros (na Alemanha nazista); e ... até discos dos Beatles (em praça pública) envolvidos no calor (excitante) do saber público.

E se não foi desse jeito ? Bom, mudemos o canal para o programa dos fenícios. Eles foram os responsáveis pela criação do alfabeto. Quer coisa melhor ? Já pensaram como a cultura seria reservada sem esse invento e como as indústrias da Cultura iriam sobreviver ? E tem mais : eram navegadores e comerciantes. Provavelmente inventaram, também, o lucro, pois quem inventa letras e números também deve saber fazer contas dos lucros (que é bem diferente de "fazer de contas").

Pensando bem, vamos supor que não tenha sido nessa época. Vejamos os destemidos romanos ? Eles dominaram o mundo e levaram a cultura latina por todos os cantos mostrando como administrar tal império. Expandiram, investiram e lucraram, às baldas, por séculos e "seculorum" dando, pelo menos, um belo exemplo de divulgação.

E assim vai. Muda pra lá, muda pra cá. E a história será sempre a mesma. O tempo passa. Pérolas aos porcos e palavras ao vento.

Alguém disse : "crescei e multiplicai-vos !". Esse, com certeza, não estava visando lucro. Talvez, um daqueles poucos seres desinteressados que hoje podemos contar nos dedos de uma só mão.

A cultura deve ser transferida para a família visando a manutenção da civilização; mas, e o lucro ? O lucro deve ser transferido à conta bancária da família para o seu próprio benefício e manutenção.

Assim, o lucro deve pertencer à família para a manutenção da civilização industrializada, se é que eu entendi tudo. Mas que indústria é essa ? A indústria do lucro ? Não, não; é a indústria cultural; aquela que através da divulgação cultural desperta o indivíduo para as vantagens sociais conseguidas com o lucro.

Agora todos juntos repitam comigo : Gutural do chucro. Natural do lustro. Lacrimal do custo. Leito de Procusto. Dã pro Gasto e susto.

Indústria cultural : Compre cultura que dá lucro. Lucro é cultura. Invista na indústria cultural lucrativa. Esporte é cultura. Disco é cultura. Rádio é Cultura.

Mas o que é isso ? Será que essa tal indústria é tão elástica e abrangente que atinge a todos ? E os impostos ??? Ah ! agora quero ver. Os impostos são arrecadados em cima dos lucros. Quanto mais gente, mais cultura; ou quanto mais cultura, mais gente. Ou quanto mais gente mais impostos (lucro). Sei lá ! Afinal, me parece que essa premissa é falsa, pois, estimularia um lucro desenfreado na indústria de preservativos, o que seria um absurdo mundial. Então, basta !!!

Mudo o canal. Última chance. Estou vendo Gutenberg no meio dos seus tipos de madeira. Devemos estar em 1455, pois em cima da mesa está o EDITIO PRINCEPS. Mas o que é aquilo ao lado ? Ah ! um novo folheto com o título "CULTURA AO ALCANCE DE TODOS"; posso até ver o texto em letras góticas : "Perdido no imenso oceano de seus próprios conhecimentos, o homem civilizado navega na dúvida de se engajar na indústria cultural ..."

Puxa que emocionante ! Bom homem esse Gutenberg; mas o que ele está fazendo agora ? Um copo de papel; ora, mas que inventor. Está pondo tinta dentro. Oh não, aquilo é cícuta. Não Gutenberg, espere ...

## PERRY RHODAN STRYKES AGAIN

*Roberto de Souza Causo*

Há algum tempo eu andava afastado da leitura da série "Perry Rhodan", da qual sou fã desde os dez anos. Os motivos desse afastamento vão da busca por uma leitura mais variada até a escassez de tempo devido à atenção que ultimamente tenho dado aos meus projetos, que incluem minha própria produção de FC. Contudo, não posso deixar de reconhecer que parte de toda essa desvalorização que sofre a série diante dos especialistas também me afetou.

Mas, como sempre, retornamos ao que está à muito arraigado. Voltei a ler "Perry Rhodan" e ... me assustei ! Havia me esquecido do quanto era prazerosa essa leitura.

Como já disse, leio "Perry Rhodan" desde os dez anos. Os personagens são meus velhos amigos e irmãos. Conheço-os melhor que muita gente de carne e osso. Posso prever suas ações

e me regozijar, orgulhar-me, na verdade, de seus atos. As situações tem completa identificação comigo : eu acompanho a progressão de Rhodan e do Império Solar pelo cosmos com maior interesse do que observo os tropeços do meu país neste século XX.

Não acredito que outra obra escrita possa ter um grau tão forte de arrebatamento. Penso que minha opinião não é a única, uma vez que a série tem o maior número de leitores em todo o mundo. Indiscutivelmente existe aí um fator ligado à essência da ficção científica, que é a profunda intimidade dos fãs com o gênero. Talvez esse poder de identificação seja fruto de um "Sentimento de gueto", como declarou Bráulio Tavares, que faz o fã sentir-se membro de uma classe especial.

Mais do que isso, creio existir a identificação com um universo de seres e acontecimentos, com regras próprias, contextos e paisagens únicas. É possível que se esconda aí o desejo individual de se possuir uma maior abrangência da multiplicidade de fatores que apresenta o avanço do Homem pelas fronteiras da civilização e da capacidade de intervir no universo físico.

"Perry Rhodan" é um grande exemplo tanto desse poder de identificação quanto de uma "realidade" onde a civilização progride por suas próprias forças numa única linha principal e onde seres individualizados tem uma importância crucial.

Uma ficção científica que está mais próxima da essência do gênero que qualquer outra. A FC de idéias, com coerência própria, um mínimo de elementos extrapolativos, tendo por base a ciência e a tecnologia. Sendo tudo isso temperado por otimismo e valores éticos básicos.

Admitamos que "Perry Rhodan" consegue realizar com sucesso elementos inerentes à FC. Temos também a declaração de Isaac Asimov de que escrever de maneira clara e objetiva é tão difícil quanto escrever esbanjando vocabulário, figuras e analogias. Indo além pode-se dizer que é este o ideal estilístico da maior parte da FC.

Diante disso, por que não aceitar a série como uma obra representativa dentro da FC como um todo ? Podemos condená-la por possuir "pouco valor literário", mas não negar sua representatividade.

Os padrões e ideais literários são e serão questionados, mas as reações que uma obra causa no leitor são inquestionáveis.

E nisso "Perry Rhodan" é mestre, como sou testemunha.

## CRÔNICAS DO ANDRÉ

### HISTÓRIAS, DUAS VERDADEIRAS

*André Carneiro*

Todo escritor é um inventor. Sendo de ficção científica tem que ser mais inventivo ainda. Outro dia, Adalberto D'Alambert, publicitário e escritor também, fez a proposta de inventarmos rapidamente novos sistemas de segurança contra o roubo de automóveis.

Em alguns minutos criamos os seguintes :

1. O ladrão entra, senta-se no banco. Automaticamente um dardo pontagudo entra em sua barriga. Desvantagens : o motorista pode esquecer de deligar o botão; o sangue é difícil de limpar ...
2. O ladrão entra, uma gravação automática xinga sua mãe e sua masculinidade. Desvantagem : ele pode ser um "gay" brigado com a mãe;
3. Quando o ladrão pega na direção, algemas automáticas prendem seus pulsos. Não há desvantagens, embora a parte mecânica seja trabalhosa;
4. O ladrão dá a partida, uma bomba de gás lacrimogênio explode. Desvantagem : mesma do nº 1, o motorista pode se esquecer de desligar o sistema;
5. O ladrão se instala, sente uma picada na nádega, uma injeção de tranquilizante o põe dormindo ...



6. O ladrão entra, assobia, dá a partida (direta). Um fio de aço salta do painel, enrola em seu pescoço e o enforça. Desvantagem : solução muito forte para motoristas sensíveis;
7. Esta é mesmo genial. Exigimos porcentagens se alguém a fabricar. Consiste em uma trava simples de aço, que mantenha o banco inclinado, na ausência do motorista. Sem lugar para sentar-se o ladrão desiste;
8. A última consideramos a mais eficiente, embora um tanto dolorosa. Pega-se uma almofada de espuma e coloca-se em baixo uma placa de madeira. Nesta colocam-se de oito a dezoito anzóis, devidamente endireitados, com a ponta para cima, no limite da cobertura da almofada. O ladrão, ao sentar-se, é espetado de maneira irreversível (de oito a dezoito). Adalberto, que fez um curso de sadismo na Europa, sugere duas alternativas interessantes :
- a) a almofada deverá ter um peso de um quilo ligado por um fio;
- b) além do peso que vai aumentar a dor nadegal, poderá ser acrescentada uma sirene à pilha...

Inventamos mais algumas que não publicamos, pois já vendemos as idéias para a Hammer, empresa inglesa de filmes de horror. Aceitaremos e divulgaremos outras invenções dos nossos inteligentes e "científicos" leitores.

\*\*\*\*

A tecnologia nos envolve a todos, inelutavelmente. Mas ela é paradoxal, não evolue, as vezes, como o desenho do guarda-chuva. Não faz muitos anos, quase morri tragicamente, por imprudência tecnológica.

Eu era o roteirista e diretor de um curta-metragem de cinema para uma empresa americana. A primeira cena do dia seria filmar a torre (de ouro, para quem não sabe) que enfeita a Igreja dos Santos dos Últimos Dias (Mormons) situada na Av. Prof. Francisco Morato. Eu queria uma tomada bem do alto. Fui até um prédio de dez andares, sendo construído ao lado, e pedi autorização ao encarregado para filmar do último andar. Ele deu, mas dise que não poderíamos usar o elevador externo, de carga, feito de canos aparafusados. Dei ordem à equipe para subir e fui na frente, pelas escadas.

Cheguei esbaforido e, com surpresa, encontrei câmara, equipamento e os sete membros da equipe lá em cima. Perguntei do milagre e eles, com naturalidade, me apontaram o elevador, que fora conduzido por um jovem operário. No Brasil é assim, as proibições são muito relativas.

Iniciamos o trabalho, montamos a câmara e uma hora depois já tínhamos feito tudo. Câmeras e equipamento nas mãos, todos foram entrando calmamente no elevador para voltar. Eu fui o último a por os pés lá dentro. Subitamente o elevador, completamente carregado, despencou. Eu, em um vigésimo de segundo, ainda fiz para mim mesmo a estúpida reflexão de que o "operador" era um irresponsável, imprimindo tanta velocidade assim. Lá pelo quinto andar, estávamos quase voando sem gravidade, todo o mundo com a respiração presa, sem um ahhh. Pela altura do segundo andar a gaiola começou a parar, todos nós pregados no chão, cada um pesando quinhentos quilos. Quando aquilo parou, o encarregado e os operários, pálidos, não podiam nem falar.

A explicação é a seguinte. O jovem operário, que subira com o elevador, na hora da partida disse ao pessoal da equipe "eu dou um sinal lá em baixo" e foi saindo simplesmente pelas escadas. Esse elevador de carga sobe pela ação de um cabo de aço puxado por um motor, mas desce pela gravidade, sendo controlado por uma enorme alavanca que serve de breque manual. Quando o rapaz pos os pés no térreo, descendo pelas escadas, correu para a alavanca e puxou com toda a força. Calculo que foi uma questão de segundos. Alguns a mais e estaríamos todos mortos ingloriamente, diante da Igreja dos Santos dos Últimos Dias, com sua torre de ouro.

\*\*\*\*

Não sei exatamente quando comecei a ler ficção científica. Mas posso me lembrar nitidamente de um conto que me impressionou.

Depois de muitas peripécias, um terreno desembarca em Marte. Seus habitantes são impressionantes, com uma maioria de monstros verdes com antenas, entes horrorosos de tentácu

los, olhos esbugalhados, etc... No final do conto uma satírica explicação. Os habitantes de Marte, todos diferentes entre si e simplesmente assustadores, eram todos frutos objetivados da imaginação dos escritores terrenos de ficção científica. Os monstros em si não eram maus e todos se queixavam dos seus "país", os escritores que os tinham inventado com aquela aparência... Se alguém sabe do conto e quem é seu autor, apreciaria que me comunicasse.

\*\*\*\*

Uma pequena e triste história verdadeira ocorrida em 1969, durante o célebre Simpósio Internacional de Ficção Científica, cujo organizador principal foi José Sanz, há pouco falecido, uma perda irreparável para a FC nacional.

Eu estava hospedado no Copacabana Palace, junto com a maioria dos escritores internacionais convidados e os cineastas e artistas do evento paralelo, um Festival Internacional de Cinema.

Uma noite chuvosa, quando eu voltava para meu apartamento, vi uma cena muito estranha na beira da piscina do anexo. Um célebre diretor suéco estava debruçado na beira da piscina e mexia com uma folha seca que boiava na água. Naquela hora da noite, a piscina e as cercanias estavam praticamente desertas. Vi apenas dois funcionários do hotel a uma boa distância, observando a cena. Me aproximei e iniciei um diálogo com o suéco (cujo filme estava cotado para premiação). Falávamos francês e inicialmente achei que ele devia estar completamente bêbado por sua atitude estranha e suas respostas.

Afastei-me e perguntei aos dois funcionários o que ocorria. Eles me disseram que tinham encontrado o suéco na rua (chovia bastante), sentado à beira da calçada, mexendo com algo na correnteza suja. Com dificuldade o arrastaram para dentro e agora ele "brincava" com a folha seca na água.

Tentei mais uma vez compreender o que fazia. Ele falava sozinho, em suéco e em francês, e tentava unir ou emendar a folha seca partida em duas. Imaginei como eu faria para que voltasse ao apartamento. Por vezes ele me agredia; cheguei a temer que se atracasse comigo. Falava da segunda guerra, de metralhadoras e sangue. Depois de um tempo razoável em que meus esforços para tirá-lo daquela situação embaraçosa foram inúteis, comuniquei-me com seus companheiros de delegação, que chegaram daí a pouco e conseguiram, quase à força, levá-lo para seu quarto. Percebi que ele não estava bêbado. Com visível emoção, um seu amigo da delegação contou-me o seguinte.

Durante a guerra ele e um seu irmão menor, lutando contra os alemães, caíram dentro de um lago. Uma rajada de metralhadora pesada pegou o irmão pela cintura, separando seu corpo em duas partes. O suéco, desesperado e fora de si, foi salvo depois pelos companheiros quando, ainda abraçado com o corpo do irmão, tentava unir as duas partes sangrentas. Quando sua crise voltava, explicou-me seu amigo, e isso ocorria durante chuvas fortes, ele pegava folhas ou objetos partidos que tentava unir inutilmente por horas...

No dia seguinte, soube que ele tinha voltado para a Suécia.

---

COLECIONANDO

---

## EDITORA VECCHI

*Caio Luiz Cardoso Sampaio*

A década de 60 foi uma época pródiga em edição de pequenas coleções de Ficção Científica, por várias editoras tanto brasileiras como portuguesas. Aqui trataremos da Editora VECCHI, do Rio de Janeiro, que editou, entre 1962 e 1963, cinco obras de nosso gênero preferido, sob o título de Coleção "ASTRONAUTAS". São obras em brochura, de estrutura frágil, recomendando-se cuidados em seu manuseio, pois as folhas destacam-se com facilidade. A primeira obra tem uma apresentação diferente das demais que aparecem em cor azul.

A numeração colocada nas capas vai de 601 a 605, já que a editora mantinha outras séries como policial, western e mistério, que utilizavam outras centenas como identificação. Formato de 16 x 11,5 cm.

601 Astronautas num mundo misterioso Les lunes de Jupiter F. Richard Bessière	1962	133	604 O falso planeta Deucalion Peter Randa	1963	133
602 Escala entre os vivos Escale chez les vivants F. Richard Bessière	1962	134	605 O grande ser Bihil B. R. Bruss	1963	164
603 Os sobreviventes de amanhã Peter Randa	1962	118			

Excluindo-se a coleção ASTRONAUTAS, foi editada mais uma obra no gênero Ficção Científica, formato 14 x 21,5 cm.

O mundo sem mulheres Il mondo senza donne Virgilio Marini	1970	146
---	------	-----

---

#### POCKETS EM REVISTA

---

### THE INTEGRAL TREES

Larry Niven - 1983 - Ballantine Books - 272 págs.

*Sérgio Fonseca de Castro e José dos Santos Fernandes*

Em "The Integral Trees" Niven examina uma sociedade humana que se desenvolveu num toróide de gasoso que orbita uma estrela de neutrons. Esta sociedade é formada pelos descendentes da tripulação de uma nave interestelar que se amotinou contra o seu computador (e real comandante). Graças à gravidade da estrela de neutrons, uma parte do toróide foi comprimida, criando assim um ambiente capaz de sustentar uma multidão de formas de vida baseadas em ADN (muitas delas um tanto antipáticas aos intrusos humanos, ou simpáticas, já que os humanos são uma nova fonte alimentar). Não são conhecidas outras formas de vida inteligente no toróide além dos seres humanos.

A história passa-se cerca de 400 anos após o motim. Os sobreviventes se multiplicaram e se espalharam pelo toróide, criando diversas sociedades e caindo em igual número de níveis tecnológicos e culturais. O romance começa quando um pequeno bando de indesejáveis é expulso de sua comunidade, que vivia em um dos extremos de uma gigantesca árvore em forma de sigma que flutua no toróide (daí o nome do livro). Com a destruição desta árvore, o grupo passa a vagar pelo toróide, encontrando outros núcleos de colonos e envolvendo-se em várias situações aventurescas.

O ambiente idealizado por Niven tem gravidade praticamente nula, sendo a adaptação dos terrestres a este novo habitat o que dá atração ao romance. Entretanto, esta adaptação é um tanto forçada já que o curto período de tempo de estada dos humanos no toróide não deveria ser capaz de garantir as evoluções genéticas apresentadas pelos personagens.

Niven falha também na parte narrativa ao utilizar um velho recurso da FC já empregado por ele mesmo em seus livros "Ringworld" e "Ringworld Engineers" e também por outros autores como Farmer em sua série "Riverworld" e mesmo Simak em romances como "Destiny Doll" e "The Fellowship of the Talisman", para citar apenas alguns. Trata-se da batidíssima fórmula do grupo de desditados que parte para explorar e enfrentar um ambiente hostil e desconhecido. Neste ponto Niven volta a falhar duas vezes. A primeira quando ele prefere se estender demasiadamente na descrição do toróide e de seus fenômenos, em detrimento do aprofundamento dos personagens. A segunda falha é justamente a sua incapacidade de fazer o leitor sentir, compreender e ser envolvido pelo mega-ambiente descrito, o que ele conseguiu, com maestria, em seu memorável romance "Ringworld". Em "The Integral Trees" o leitor fica um pouco decepcionado por estas tornarem o livro incapaz de fazer justiça à idéia básica da história.



Finalmente, existe a óbvia intenção de Niven escrever uma série a partir deste romance, o que fica claro pelo final em aberto e acabou se confirmando com o recente lançamento de uma continuação, "The Smoke Ring", que igualmente termina em aberto, inclusive com a mesma sentença final de "The Integral Trees".

O livro não chega a ser ruim, mas não é nenhuma obra prima, sendo apenas um razoável integrante da galeria de livros da "Hard SF". Pena que os leitores já estejam mal acostumados e esperem sempre coisa melhor do autor.

## SEBOS DE LIVROS

São Paulo [continuação]

### LIVRARIA PAPEL VELHO

Rua Conselheiro Saraiva, 173

### LUX LIBRI

Rua Salete, 182

Fone : 298-1392

### ARMANDO MASTRO PAULO

Rua Domingos de Moraes, 770 - Lj.33-A

Fone : 570-9205

### KOSMOS

Av. São Luiz, 162

Fone : 258-3244

### PESE - PAGUE

Rua Santa Isabel, 152

Fone : 221-8566

### OZAWA KENZO

Rua Dom José de Barros, 337 - 1.Cj.120

Fone : 255-5777

### CASA LOMUTO

Pátio do Colégio, 5 (6º - Sala 8)

### LIVRARIA LIVRO USADO

Rua Domingos de Moraes, 2036

Fone : 571-5080 [Walter]

### FERNANDO PESSOA

Rua Francisco G.da Silva Prado, 30

### LIBRARIUM

Rua Salete, 31 - Fone: 292-1392

Rua Martinico Prado, 305

### BRANDÃO

Rua da Consolação, 21 - 1º - Cj.B

Fone : 255-3456/9668

### HERNANI FERREIRA

Rua São Joaquim, 378

Fone : 284-4590

### LISBOA

Rua São Francisco, 75

Fone : 35-4205

### SÃO PAULO

Rua São Bento, 370 - 9º - Lj.1

Fone : 36-4329

### MINAS GERAIS

Rua Bráulio Gomes, 125 - Lj.4

### SANTA LUZIA (ocultismo)

Rua Dr. Rodrigo, 66

Fone : 36-5796

### CASA DO LIVRO AZUL

Rua José Bonifácio, 278

\*\*\*\*\*

Caso você tenha maiores informações sobre sebos em São Paulo, por favor queira nos en caminhar para divulgação. Mudanças de interesse devem ser informadas, da mesma forma, de modo que esta seja uma seção de real prestação de serviços.

Da mesma forma, apreciaremos informações sobre os sebos existentes em outras cidades. Você, que conhece bem a sua cidade, seja ela uma grande capital ou uma tranquila cidade de interior, por favor faça um levantamento dos sebos que você frequenta e nos man de nome, endereço e telefone.

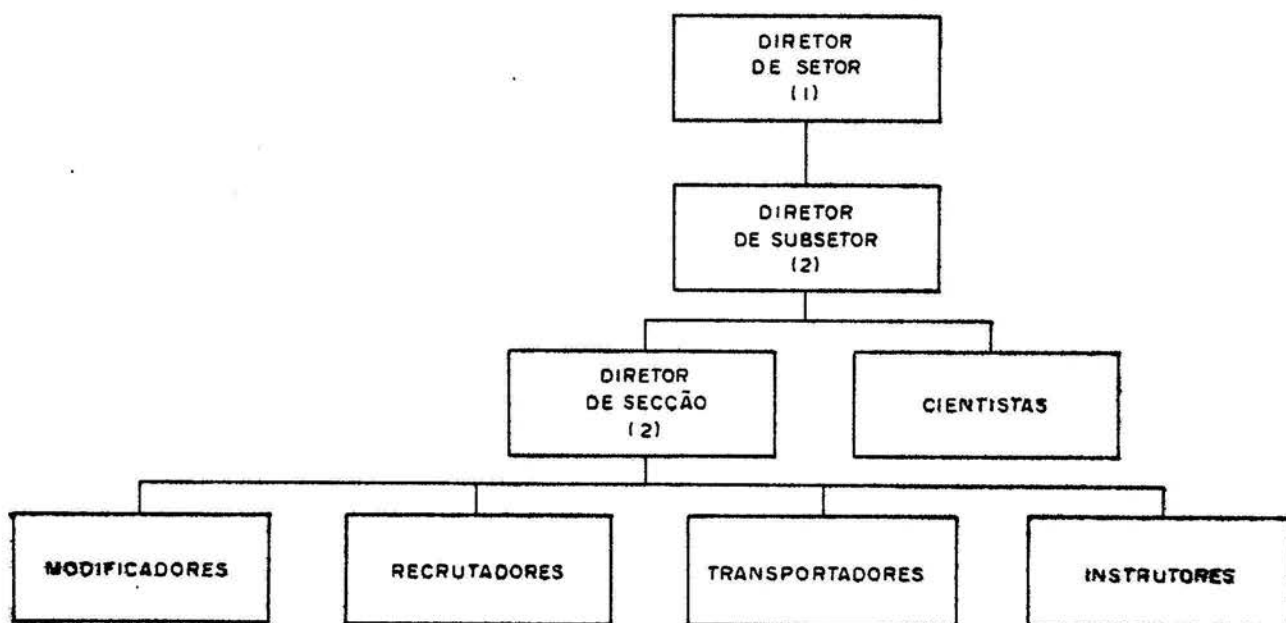
Nossos sócios estão sempre viajando, seja a negócios ou em férias, e uma listagem como esta será muito apreciada. Colabore, também, levantando os sebos que você encontrar em suas andanças por aí.

Oportunamente estaremos tabulando os sebos, por estado/cidade, e colocaremos uma lista gem permanentemente atualizada à disposição dos interessados. Quem desejar receber esta listagem, basta escrever para a redação, ok ?

A Secção dos colonizadores é a responsável pela inscrição e seleção dos pretendentes a colonos. O transporte só é feito quando se tem certeza que as condições ambientes do planeta estão de acordo com os requisitos do Conselho Galáctico<sup>3</sup>. Quando chegam a atingir esses padrões, os colonos são enviados com todo o material necessário para a sua sobrevivência, além de serem instruídos sobre quais explorações oferecem possibilidades de comércio.

O quadro esquemático e o organograma seguem abaixo :

- Diretor de Setor - decide qual o Subsetor a que devem ser dirigidos os trabalhos e resolve qualquer problema que advenha do contato entre planetas colonizados e alienígenas de um mesmo sistema;
- Diretor de Subsetor - divide os trabalhos entre os cientistas ou Secções;
- Diretor de Secção - supervisiona o trabalho das equipes nos diversos planetas;
- Cientistas - promovem as pesquisas para a terraformização de planetas tipo 3;
- Modificadores - promovem a terraformização de planetas tipo 2;
- Recrutadores - responsáveis pela inscrição e seleção dos colonos;
- Transportadores - responsáveis pelo transporte, via I.R. tanto dos colonos e bagagem, como dos funcionários do R.S.P.;
- Instrutores - responsáveis pela adaptação dos colonos e orientação sobre as explorações que podem ser feitas.



\*\*\*\*

**Notas :**

<sup>1</sup>As vezes, uma modificação pode resultar em desastres financeiros, políticos, religiosos, etc... e por isso, não é aconselhável fazê-la.

<sup>2</sup>Modificação de um planeta, para que se transforme em um com características semelhantes às da Terra.

<sup>3</sup>A seleção dos futuros colonos é feita medindo-se vários parâmetros médicos, psicológicos, religiosos, etc...

\*\*\*\*

Transcrito da revista Star News, nº 789, 28 de dezembro de 2706, Terra, Via Láctea. Original em marciano moderno.

# MANIFESTO ANTROPOFÁGICO DA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

## MOVIMENTO SUPERNOVA

O homem foi até as estrelas para se encontrar e só achou vazio, vazio, vazio.

Descobriu que no interior de todos os sóis se esconde a noite, e com ela sua inimiga ancestral, a escuridão.

São seus companheiros de viagem a morte, a dor, o riso, o sexo, a miséria, a alegria, o amor, o tédio, a solidão, a desesperança, o cansaço e a preguiça.

No cruzar da existência uma pirâmide de objetos inúteis : um forno de microondas, uma garrafa plástica, um quilo de éter, uma blusa de nylon, uma lâmina de barbear. Objetos do dia a dia.

Não propomos a dialética do povo mas a estética do novo.

O homem odeia o deus e ama o robot. Seu destino é destruir a perfeição e criar a aberração.

O totem foi a primeira máquina do homem.

Queremos ser uma explosão da forma e uma revolução do conteúdo. A supernova no céu do convencional.

A alegria é a prova dos nove.

A tecnologia é, em última instância, a tentativa neurótica do homem em substituir todos os seus componentes humanos por artificiais, criando um mundo onde ele seja o menos possível responsável.

Um boitatã de olhos de césio espreita no planalto central do país.

Ao lidar somente com a máquina a ficção científica transforma-se num gênero de cenários, um arremedo de vaudeville, estéril e inconsequente.

Não viemos criticar a função da máquina mas propor a estética do homem.

Precisamos deglutir urgentemente, após o Bispo Sardinha, a pistola de raios laser, o cientista maluco, o alienígena bonzinho, o herói invencível, a dobra espacial, o alienígena mauzinho, a mocinha com pernas perfeitas e cérebro de noz, o disco voador, que estão tão distantes da realidade brasileira quanto a mais longínqua das estrelas.

A ficção científica brasileira não existe.

A cópia do modelo estrangeiro cria crianças de olhos arregalados, velhos tarados por livros, escritores sem leitores, homens neuróticos, literaturas escapistas, absurdos livros que se resumem às capas e pobreza mental nas colônias intelectuais, que procuram, num grotesco imitar, recriar o modus vivendi dos países tecnologicamente desenvolvidos.



A ficção científica nacional não pode vir a reboque do resto do mundo. Ou atingimos sua qualidade ou desaparecemos.

A produção literária brasileira, no gênero de FC, à exceção de reduzido rol de obras, é de uma mediocridade horripilante.

Uma mula sem cabeça cospe fogo radioativo pelas ventas.

Emulamos tecnologias sem conhecê-las.

Um saci pererê matuta, com uma prótese de vanádio, masca mandioca, tritura paçoca e arrotta urânio enriquecido.

A alegria é a prova dos nove.

O homem prova, todo dia, que não é merecedor da tecnologia.

Queremos despertar o iconoclasta que jaz em todo peito brasileiro.

Morte aos adoradores de máquinas.

Um caipora verde amarelo devora hamburques, destrói satélites, deglute armas e destroça tecnologias.

Um índio descerá de uma estrela colorida brilhante.

#### SUPERNOVA

São Paulo, 19 ano após o desastre de Goiânia.

Ivan Carlos Regina